29 JUN 1987

jornal da tarde

Publicado pela S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Caetano Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).

Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA (1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA (1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

José Vieira de Carvalho Mesquita
Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

Então será tarde demais: Sarney terá ido sozinho.

Não temos motivos para duvidar de que os violentos incidentes que marcaram a visita do presidente Sarney ao Rio de Janeiro, na última quinta-feira, foram, efetivamente, cuidadosamente preparados por pequenos grupos de ativistas, que estamos cansados de conhecer. São profissionais da baderna, em permanente estado de prontidão (no sentido militar da palavra), que funcionam como tropa auxiliar de grupos políticos radicais ou de chefes políticos caudilhescos. São uma espécie de Corpo de Bombeiros ao Contrário, que acorre rapidamente a qualquer local onde se manifeste um incêndio social ou político, não, evidentemente, para tentar apagá-lo mas para procurar de todas as formas fazer que as chamas se alastrem.

Os materiais que utilizam não são combustíveis, mas são comburentes. Quer dizer, ainda que estejam sempre prontos para agir, se já não existe combustão sua ação é totalmente inócua, embora sempre perturbadora.

É com isso que o presidente Sarney deve preocupar-se e não com a questão absolutamente secundária de provar que não houve espontaneidade na baderna de quinta-feira última.

O presidente não pode esquecer que esses mesmos "soldados do fogo" do PT, da CUT, do PDT e de outros grupos políticos menos votados estiveram em plena atividade a partir de fevereiro do ano passado, quando o País mergulhou na fase onírica do Plano Cruzado do dr. Funaro. Aquele plano, pelo sucesso que teve inicialmente, perturbou-os ainda mais do que este, do professor Bresser, e se tivessem sentido então que havia ambiente para uma demonstração de selvageria política como a que promoveram na semana passada, não teriam hesitado em promovê-la.

Mas, naqueles tempos tão longínquos quem fosse suficientemente alienado para quebrar a janela do ônibus em que Sarney desfilava triunfalmente por variados rincões deste imenso país seria certamente linchado pelas multidões que ululavam seu agradecimento ao presidente mais popular da nossa história republicana.

Portanto, ainda que seja evidente que as pedras não voaram sozinhas na última quinta-feira, que o caixão não flutuou por um fenômeno de levitação, que a picareta que quebrou a janela do ônibus obedecia ao comando da picaretagem político-ideológica, nada disso constitui atenuante para as culpas do presidente.

Se foi possível que os solertes "soldados do fogo" da baderna antidemocrática exibissem impunemente sua ousadia troglodita, se aqui em São Paulo "destacamentos" desse mesmo Corpo de Bombeiros ao Contrário saquearam sem maiores problemas, numa semana, três supermercados, se o ministro do Exército voltou a ser o que era nos tempos da ditadura — um oráculo político-ideológico —, tudo isso se deve à circunstância mais do que lamentável de o presidente Sarney não ter apreendido absolutamente nada com o retumbante fracasso dos alunos do Curso de Madureza da dona Conceição. Não apreendeu — diga-se em nome da justiça — que o grande, o maior, o quase exclusivo responsável por aquele fracasso foi o presidente José Sarney e, por não ter apreendido, continuou fazendo política como se ainda estivesse no Maranhão, que se dividia politicamente entre ele próprio e o senador Vitorino Freire.

Não sabemos até que ponto o presidente perdeu consciência da realidade durante a fase de delírio coletivo que o levou ao triunfo eleitoral de novembro do ano passado.

Nesse período cansamos de adverti-lo em nossos editoriais da volubilidade das massas populares e da instabilidade dos climas políticos.

Admitimos que o presidente estivesse inebriado com os eflúvios do deu certo que ele próprio disseminou ao ponto de não ter desconfiado de nada nem mesmo quando começou o êxodo dos homens mais capazes e mais sérios da equipe que elaborou o Plano Cruzado I — Arida, Bacha, Lara Rezende e outros. O que não conseguimos entender é que a consciência da realidade não tenha sido redespertada nem mesmo quando o desastre já era tão evidente que ele próprio passou a evitar contatos com as massas volúveis para não ter de sofrer o vexame das vaias. O presidente que foi o mais popular sabe há muito tempo que se tornou o mais impopular porque foi flagrado enganando o País. E continua enganando-o ou pensando que o engana. Apenas mudou a retórica com que procura passar o novo engodo. Todos aqueles assessores mais sérios e mais capazes, que abandonaram o ex-ministro Funaro quando sentiram que ele estava cego para o desastre iminente, colaboraram com o ministro Bresser Pereira na elaboração de mais este plano de "salvação nacional". A partir da terrível experiência de ontem, a opinião pública, em sua imensa maioria, está plenamente convencida de que não há saída para a crise fora da receita ortodoxa. E o presidente finge que a adota e encarrega o seu ministro do Planejamento, esse lamentável senhor Aníbal, de promover o espetáculo pirotécnico dos "cortes" das despesas do governo, enquanto o ministro Bresser Pereira entra em crise de consciência porque teve rejeitadas todas as suas propostas de cortes reais.

Está cortando, sim, mas na carne do setor privado, enquanto o presidente rola a dívida dos estados e municípios (mais de 80 bilhões de cruzados), entrega a Siderbrás à mais baixa politicagem e proclama que a máquina do Estado é pequena e que o seu governo é o mais austero do mundo! Para sustentar toda essa austeridade, hoje nem a Caderneta de Poupança é "poupada"!

O mesmo Edmar Bacha que não quis ter responsabilidade pela farsa desastrosa do Cruzado I volta a advertir: "O governo está promovendo uma transferência de renda do assalariado para seus cofres por meio do aumento das tarifas e da redução dos subsídios". E contraria as teses do ministro Bresser Pereira que, depois de vencida a crise de consciência provocada pela impossibilidade de cortar na carne do governo, apresentará um plano macroeconômico baseado em sua teoria de que a carga tributária no Brasil é muito leve:

"A parte da renda nacional de que o governo se apropria é determinada pelos seus gastos e não por sua receita. Isso porque, se o governo tem um déficit, ele emite moeda e faz a sociedade pagar por seus gastos por meio da inflação que a emissão de moeda provoca".

O presidente Sarney não apreendeu nada com o desastre pelo qual o economista Bacha não quis ser responsável e não vai apreender agora. Quem sabe apreenda quando a ação do Corpo de Bombeiros ao Contrário incendiar o País inteiro.

Mas então será tarde demais porque ele terá ido sozinho.

Mas o ministro Bresser Pereira não precisa apreender nada. Ele está farto de saber tudo isso.

Se tivesse a coragem que Funaro não teve talvez ainda fosse possível evitar o novo desastre. Ou, se não fosse, pelo mesmo salvaria sua reputação como economista.